

comunicação; porém, presa dentro do círculo de ferro da sua infalibilidade e do seu dogma, explica-o pela influência maléfica do diabo, recém-chegado, ao que parece, dos desertos da Tebaida, onde o tinha encadeado o bom Rafael, companheiro de Tobias.

No decurso dêste livro e, mui principalmente, em uma das comunicações subscritas por Maria, debate-se, com a maior profundidade e amplitude, a questão do diabo, razão pela qual nos julgamos desobrigados de fazê-lo aqui.

Dia chegará em que Roma se desprenderá do seu Plutão e das suas eternas fogueiras, como se tem despreendido de outras afirmações, caídas, em tempo, no completo descrédito.

VI

Como se realisa o fato. Os médiuns.

Como se verifica a comunicação espiritual?

Não nos referiremos senão ás que se obtem por meio da escrita, pois que a esta classe pertencem as obtidas no círculo de Lérida.

O médium, isto é, a pessoa que tem faculdade de receber as comunicações, toma a pena, abandona a mão sobre o papel — e a mão move-se por impulso alheio e inteligente, traçando palavras, frases, períodos legíveis, cujo conjunto exprime, não os pensamentos do médium, mas sim os da força inteligente, exterior e invisível, que imprime o movimento á pena.

A mão do médium, completamente passiva, age como a da criança que fórma sobre o papel traços e letras, obedecendo ao movimento e á direção da mão do seu mestre.

A capacidade ou aptidão mediúnica é muito geral. Em nossa opinião, todas as pessoas a possuem em maior

ou menor escala — e, se nem todos obtêm resultados, talvez seja devido, menos á falta de aptidão, que á impaciência ou á falta de ordem com que a maior parte faz os seus ensaios.

É indispensável compreender que a comunicação não pôde dar-se sem permissão superior — e que não a alcançaremos se não soubermos pedi-la.

Não é condição essencial crermos na realidade do fenómeno, para obtê-lo; basta estudá-lo com respeito e desejá-lo com o propósito de o aproveitar em bem da humanidade.

O médium pôde ser *mecânico* e *intuitivo* (vêde o Livro dos Médiuns); o primeiro, obra maquinalmente, sem consciência do que sua mão escreve — o segundo, recebe os pensamentos e até as palavras, que sua mão traslada automaticamente para o papel.

Neste último caso, a comunicação é uma verdadeira inspiração — e não merece menos confiança que a primeira, a mecânica, sempre que o médium, deixando completamente abandonada a mão, evite a possibilidade de mesclar seus próprios conceitos aos que lhe são inspirados.

A mediunidade intuitiva é frequentemente causa de desconfianças da parte do médium, que, vendo sua mão traçar o que passou por sua mente, suspeita ser sua vontade que determina o movimento da pena.

Essas suspeitas se desvanecem com o bom uso da mediunidade e com a prática; pois que, no decurso das comunicações, dar-se-ão casos de algumas referirem fatos por êle ignorados e depois comprovados — ou fatos muito superiores aos seus conhecimentos.

Que o médium intuitivo pôde influir na estrutura e fraseologia da comunicação, não há que duvidar; pois que um pensamento inspirado pelo mesmo Espírito a dois médiuns de diferentes gráus de instrução, aparece

eserito com palavras e construção mais ou menos cultas, segundo a cultura e a ilustração do médium.

Isto, porém, que, *prima facie*, faz suspeita a comunicação, não é, se bem se reflete, senão um resultado lógico e natural que facilmente se explica, tão facilmente como a comunicação estritamente mecânica.

Para o Espírito, as palavras nada são — o pensamento é tudo; êle comunica seu pensamento ao médium — e, enquanto vê que este o interpreta fielmente, deixa que o escreva com as palavras que lhe parecerem.

Por esta razão, raras vezes um Espírito elevado se serve de um médium intuitivo de escassas luzes, para comunicações importantes.

Terá com êle conversações íntimas ou dar-lhe-á conselhos familiares; mas, para assuntos sérios ou matérias de importância, preferirá servir-se de quem, embora incapaz de compreender os conceitos que lhe transmite, possa, em maior ou menor grau, corresponder-lhe e corretamente formulá-los.

VII

A comunicação não é um fenômeno sobrenatural nem contranatural. O perispírito. Hipóteses.

A nosso vêr, o ato da comunicação dos Espíritos com o homem, fantástico e, por isso mesmo, suspeito, se o considerarmos ligeiramente, não é, se bem refletirmos senão o resultado de nova lei natural, desconhecida dos nossos antepassados, mas lobrigada pela presente geração, que a descortina, lá, nos seus longínquos horizontes — e que será do domínio das vindouras gerações.

Assim como se ignoraram, em outros tempos, a maior parte das leis cosmológicas que formam a ciência astronômica de nossos dias, a influência do vapor, a existência da eletricidade e do magnetismo, e tantos outros fenômenos e leis naturais, que têm vindo successi-

vamente alentar e recompensar os esforços da inteligência humana, assim também pôde permanecer, e permaneceu, ignorado, o fenômeno da comunicação, sem que isto prove contra a existência da lei por virtude da qual se produz esse fenômeno.

Jesús, como Galileu, foi vítima do ridículo e do anátema da igreja oficial; entretanto, a Terra continúa girando em torno do sol, conforme os ensinamentos de Galileu — e as doutrinas evangélicas transformaram a humanidade e conquistaram o império moral do mundo civilizado.

Os progressos realisam-se através dos séculos, com admirável sucessão, sem violências nem impetuosos abalos.

O solo não recebe a semente sem ter sido convenientemente preparado, e a semente não se converte em saboroso fruto, senão depois de ter triunfado dos ventos e das tempestades.

Moisés preparou o coração dos homens — e Jesús derramou nele a semente santa do Evangelho.

Neuton não podia nascer antes de Galileu.

A idéia da pluralidade dos mundos não teria alcançado carta de naturalisação entre os homens, se antes o telescópio não tivesse posto o mundo planetário ao alcance da sua investigadora atividade.

O fluido electro-magnético rasgou novos horizontes, ignorados panoramas, ás investigações humanas; e talvez não esteja longe o dia em que o estudo dos fluidos nos leve ao descobrimento dessa lei natural que pressentimos sem conhecê-la: o fenômeno, tão combatido e condenado, da comunicação dos Espíritos.

S. Paulo, em sua primeira epístola aos coríntios, afirma que o homem tem dois corpos: um, animal, pelo qual o Espírito comunica com o mundo material — outro, espiritual, fluídico e incorruptível, que serve de intermediário entre a alma e o corpo material.